

TEORIA CRÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS

Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais, de Axel Honneth. São Paulo: Editora 34, 2003, 296 pp.

Josué Pereira da Silva

Este livro de Axel Honneth, que chega ao leitor brasileiro com tradução de Luiz Repa e apresentação de Marcos Nobre, foi publicado originalmente em 1992. Nos dez anos que separam a primeira edição alemã e a tradução brasileira o debate sobre reconhecimento muito se ampliou, ganhando novos adeptos inclusive no Brasil. Não é nenhum exagero dizer que *Luta por reconhecimento*, que continua atual, contribuiu de modo decisivo para o desenvolvimento desse debate. Principalmente ao promover o avanço do debate teórico no interior da tradição conhecida como Teoria Crítica e ao esboçar uma teoria que pode ajudar a elucidar questões relativas às demandas dos novos movimentos sociais. É dessas duas contribuições que eu gostaria de tratar aqui.

Se considerado em relação aos principais teóricos da chamada Escola de Frankfurt, Axel Honneth é visto por alguns como representante da terceira geração dessa tradição teórica¹. Embora muitos autores, a exemplo de Marcos Nobre em sua apresentação, considerem inadequada a denominação "Escola de Frankfurt", uma vez que é difícil encontrar um traço unificador que justifique considerar os diversos autores ligados ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt como integrantes de uma escola, acredito que há algo da semente plantada por Horkheimer e seus associados

que continua a seduzir novas gerações de estudiosos. Mas concordo também em que tanto a denominação "Escola de Frankfurt" quanto "Teoria Crítica" carecem de precisão: a primeira pelo que já foi dito, e a segunda pela pretensão implícita de excluir de antemão outros autores e tradições também críticos mas que não estão associados àquele grupo de autores.

Tais denominações geralmente são usadas por comodidade, já que nos meios universitários são quase instantaneamente associadas àquele grupo de intelectuais que na década de 1920 fundou o Instituto de Pesquisa Social. Assim é que, se Horkheimer e Adorno constituíram a primeira geração e Habermas a segunda, Honneth é identificado com a terceira geração. Parece que há com efeito diferenças geracionais entre esses autores, mas há também o fato de todos eles terem ocupado uma cadeira de filosofia na Universidade de Frankfurt: da mesma forma que Habermas foi assistente de Adorno e o sucedeu na cadeira, Honneth foi assistente e sucessor de Habermas.

Ressalte-se ainda que há uma certa continuidade nas características da crítica teórica empreendida pelos sucessores em relação aos antecessores, já que os respectivos projetos reconstrutivos levaram cada um a apresentar sua própria versão da Teoria Crítica. Nesse sentido, *Luta por reconhecimento* parece representar para a teoria de Habermas o mesmo que a *Teoria da ação comunicativa* representou para os trabalhos de Adorno e Horkheimer. Em ambos os casos a estratégia seguida é basicamente a mesma: faz-se uma crítica interna à teoria anterior e busca-se reconstruí-la em novas bases, mas sem abandonar sua intenção emancipatória.

Assim, o intuito fundamental de Honneth neste livro é reconstruir a Teoria Crítica com base numa teoria do reconhecimento. Esse seria um passo necessário porque, em sua leitura, os ganhos propiciados com a guinada comunicativa de Habermas teriam sido obtidos em detrimento de uma dimensão cara à

(1) Cf. Anderson, Joel. "A opressão invisível". *Folha de S. Paulo*, "Mais!", 22/07/2001, pp. 8-13.

Teoria Crítica: a natureza fundante dos conflitos sociais. Dessa forma, o que a Teoria Crítica ganhara em termos normativos na passagem de Horkheimer a Habermas, perdera em ancoragem na realidade social, enfraquecendo-se a relação da teoria com a prática dos atores envolvidos.

Honneth constrói seu argumento a partir de uma reapropriação crítica do conceito de luta por reconhecimento do jovem Hegel, cujos pressupostos idealistas ele corrige com a ajuda da psicologia social de George Herbert Mead. Com base nessas duas fontes principais ele elabora uma tipologia que distingue três modos de reconhecimento: dedicação emotiva, respeito cognitivo e estima social. Esses modos de reconhecimento, assim como suas diversas inter-relações, são esquematizados num quadro denominado "Estrutura das relações sociais de reconhecimento" (p. 211). Vê-se ali que a primeira forma de reconhecimento, associada ao amor e à amizade, está no âmbito das relações primárias; a segunda, relacionada aos direitos, na dimensão das relações jurídicas; e a terceira, pautada pela solidariedade, na comunidade de valores. Para cada uma dessas formas de reconhecimento há uma correspondente auto-relação prática, que Honneth define respectivamente como autoconfiança, auto-respeito e auto-estima.

Em contraponto às formas de reconhecimento há as correspondentes formas de desrespeito: maus-tratos e violência, privação de direitos e exclusão, degradação e ofensa. Os componentes da personalidade que são ameaçados por essas formas de desrespeito são, respectivamente, a integridade física, a integridade social e a dignidade da pessoa. Essas formas de desrespeito indicam déficits ou assimetrias nas expectativas de justiça não cumpridas. São por isso fontes de conflitos sociais, que carecem de uma ponte que ligue as experiências individuais a experiências de grupo. Essa ponte Honneth encontra a partir de uma releitura de Marx, Sorel e Sartre, cujas teorizações lidam com a noção de conflito social, mas de maneira diferente daquela proposta por Maquiavel e Hobbes, que já fora criticada por Hegel.

Já no Prefácio o autor afirma que pretende "desenvolver os fundamentos de uma teoria social de teor normativo partindo do modelo conceitual hegeliano de uma 'luta por reconhecimento'" (p. 23). Habermas também havia lidado com os mesmos escritos do jovem Hegel em "Trabalho e interação", vislumbrando ali os elementos de uma teoria social capaz de explicar o funcionamento de uma sociedade

de moderna, diferenciada. Nesse texto, as categorias trabalho, interação e dominação prenunciam traços essenciais da sua teoria madura, apresentada em *Teoria da ação comunicativa*. Mead também ocupa um lugar importante no constructo teórico de Habermas, aparecendo como um dos autores que ele invoca para justificar uma mudança de paradigma da produção para a comunicação na Teoria Crítica.

Até aqui, portanto, Honneth e Habermas parecem caminhar juntos. A diferença, porém, já transparece na ordem em que recorrem aos autores analisados. Habermas, que quer fundamentar sua teoria num modelo de ação voltado para a busca do entendimento, parte de autores cujas análises privilegiam formas de ação mais apropriadas ao conflito e à manipulação para então chegar a autores interacionistas, cujas análises privilegiam o consenso construído na interação. Honneth, que quer construir uma teoria que priorize analiticamente o conflito, faz o percurso inverso, recorrendo então a Marx, Sorel e Sartre para dar fecho à sua argumentação.

Ao fazê-lo, Honneth não rompe com o essencial da teoria habermasiana — nem é essa, aliás, sua intenção —, mas acaba por reintroduzir de forma criativa a noção de conflito na Teoria Crítica, recuperando assim aquela preocupação original, presente no texto programático de Horkheimer, de ancorar a teoria na luta cotidiana dos oprimidos². Só por isso o livro de Honneth merece um lugar de destaque na história da Teoria Crítica. Contudo, para resgatar a dimensão de conflito sem retornar aos antigos modelos atomísticos de ação social sua teoria precisa operar no interior de um modelo mais amplo como o de Habermas, de modo que o enriquece sem todavia superá-lo. Talvez por isso Jeffrey Alexander e Maria Pia Lara tenham razão ao afirmar que a teoria do reconhecimento de Honneth é, em vocabulário habermasiano, uma teoria do mundo da vida, faltando-lhe os elementos de uma teoria geral³. Careceria, por exemplo, de instrumentos para lidar com macroestruturas como Estado e mercado.

A despeito dessas possíveis limitações, a teoria do reconhecimento de Honneth parece-me de gran-

(2) Horkheimer, Max. "Teoria tradicional e teoria crítica". In: *Benjamin, Habermas, Horkheimer; Adorno*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (col. Os Pensadores), pp. 117-54.

(3) Alexander, Jeffrey C. e Lara, Maria P. "Honneth's new critical theory of recognition". *New left Review*, nº 220, 1996, pp. 126-36.

de relevância para o estudo dos movimentos sociais, sobretudo aqueles cuja luta diz respeito a valores pós-materialistas. Uma teoria assentada no reconhecimento intersubjetivo, que reconhece as diferenças sem perder sua dimensão universalista e resgata a noção de conflito, pode ser de grande utilidade para o estudo dos movimentos sociais contemporâneos, cujas agendas de reivindicações são por demais

diferenciadas para permitir uma ação unitária. Numa tal configuração a teoria de Axel Honneth pode funcionar como um "guarda-chuva" unificador que, no entanto, não ignora as especificidades dos diferentes movimentos.

Josué Pereira da Silva é professor de Sociologia do IFCH-Unicamp.